

RELAÇÕES SOCIAIS EM ACAMPAMENTO DO MST: RELATO DE EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

SOCIAL RELATIONS AT MST'S SETTLEMENT: A REPORT ON AN INTERDISCIPLINARY EXPERIENCE

VEBER, Ana Paula ¹
KAMINAGAKURA, Fabrício Golono ²
ZDEBSKYI, Janaina de Fátima ³
PADILHA, Liara Rotta ⁴
RECH, Patrícia ⁵
ROSA, Sabrina da ⁶
URIARTE, Sarah Zewe ⁷

RESUMO

O presente trabalho visa expor as atividades de extensão desenvolvidas e as relações estabelecidas durante ações da Operação Capim Dourado, do Projeto Rondon, em especial no Acampamento Sebastião Bezerra da Silva, Porto Nacional (TO). Este acampamento foi inicialmente formado por representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB). A organização de sociedade de ambos os grupos proporcionou a integração social e a formação de um espaço com grande riqueza empírica. A abordagem utilizada no presente projeto foi qualitativa, por meio da observação do cotidiano do acampamento, ações nas áreas ambiental, de saúde e recreação, da análise documental e de relatórios de pesquisa. Foi possível observar a relação direta do acesso à informação e à cidadania. Dentre os resultados, destacam-se a receptividade da comunidade e a experiência vivenciada pelos acadêmicos na integração com a mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade. Ambiental. Social. Saúde. Integração.

ABSTRACT

This study aims at presenting the extension relations established during the actions of the *Capim Dourado* Operation, which took place through Rondon Project at Sebastião Bezerra da Silva Settlement, in Porto Nacional (TO) as well as the activities developed on it. Initially, this settlement was formed by representatives of *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* (MST) and *Movimento dos Atingidos por Barragem* (MAB) The social organization, by both groups, provides the integration and formation of a space of an enormous empirical richest. The actions were based on the qualitative approach, through observation of the settlement on daily basis, actions on the environment, health and recreation areas as well as documentary and research report analysis. It was possible to observe the direct relation of the access to information and citizenship. Among these results, we can highlight the community receptivity and the experience achieved by students through the integration with them.

KEYWORDS – Community; Environmental; Social; Health; Integration.

1 Universidade do Vale do Itajaí, Msc. Farmácia, professora, ana.veber@univali.br.

2 Universidade do Vale do Itajaí, graduando de Medicina, bricio_roon@hotmail.com

3 Universidade do Vale do Itajaí, graduanda de Psicologia, janinha10008@hotmail.com

4 Universidade do Vale do Itajaí, graduanda de Engenharia Ambiental, liara.rottap@gmail.com

5 Universidade do Vale do Itajaí, graduanda de Engenharia Ambiental, patricia_rech@hotmail.com

6 Universidade do Vale do Itajaí, graduanda de Arquitetura e Urbanismo, sabri.rosa@hotmail.com

7 Universidade do Vale do Itajaí, graduanda em Fotografia, sarah_uriarte@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No Brasil, devido à extensão territorial, existem diversidades extremas que dificultam a integração para um desenvolvimento sustentável, formando um país repleto de contrastes. Em contraponto com a heterogeneidade natural das regiões Norte e Nordeste do Brasil, encontra-se um baixo desenvolvimento com os maiores índices de pobreza e exclusão social quando comparados a outras regiões do país (LEMOS, 2012).

O projeto Rondon tem trabalhado nessas regiões, por meio de parcerias com Instituições de Ensino Superior do Brasil, sendo coordenado pelo Ministério da Defesa. O objetivo principal do projeto é realizar a integração social na busca pelo desenvolvimento sustentável de comunidades carentes. Este tem a participação voluntária de estudantes universitários que contribuem para o processo de desenvolvimento nacional. Por conta disso, o projeto consolida a responsabilidade social e coletiva nos voluntários, contribuindo para a formação de cidadãos, promovendo a concepção de conceitos, construção de autonomia e formação de acadêmicos como cidadãos conscientes. O projeto é realizado de acordo com o conhecimento científico aplicado no âmbito da comunidade e o aprendizado vivenciado pelo estudante; por sua vez, pode ser acrescido ao conhecimento teórico, beneficiando, assim, não só quem recebe a ação, mas também quem a realiza (SARAIVA, 2007).

No período de 14 a 25 de julho de 2012, a Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) participou da Operação Capim Dourado, em Porto Nacional, Tocantins. O município de Porto Nacional está situado à margem direita do rio Tocantins, a 64 km da cidade de Palmas, capital do Estado, ligando-se a ela pelas rodovias TO- 050 e TO- 070, com 49.146 habitantes e IDH de 0,75 (IBGE, 2011). Uma cidade que traz consigo uma história de luta e conquistas, resultando hoje em um município com Patrimônio Cultural rico, porém as fragilidades socioeconômicas e ambientais são representativas, principalmente nas extremidades da cidade.

Um exemplo de área de fragilidade em que o projeto atuou na cidade é o Acampamento Sebastião Bezerra da Silva, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB), localizado às margens da Rodovia TO-050. Este contexto configura-se como um espaço de luta onde os acampados reúnem forças, trabalhando coletivamente e de forma organizada na reivindicação da terra para o futuro assentamento. Pautou-se a entrada em um movimento social que se insere na disputa por e pela definição da Reforma Agrária, havendo a narrativa que se constrói no encontro etnográfico realizado durante a atuação no espaço.

Com marco no ano de 1979, a organização MST surge como resposta às profundas transformações econômicas e formas de expropriação no campo, decorrentes da modernização agrícola dos anos do milagre econômico, situação que se agravou com a crise da industrialização brasileira e com a crise energética mundial dos anos 1970 (SOUZA, 2000).

As principais práticas antagonistas do MST são a ocupação de terras, a construção de acampamentos e a consolidação destes através da criação de assentamentos. A ocupação acontece em terras declaradas “improdutivas” e/ou com legalidade jurídica irregular grave, necessitando de um veredito do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, para que haja a desapropriação para a aplicação da Reforma Agrária (MST, 2012).

Dentro do contexto de crise da década de 1970, para suprir a demanda por energia elétrica, o governo brasileiro investiu em projetos de Usinas Hidrelétricas, consideradas de baixo custo e de grande produção de energia. Para a implantação é necessário reassentar as famílias atingidas pelas águas represadas, em novas áreas. Como manifesto organizado pelos atingidos por barragens, o MAB é um movimento popular que visa organizar a população atingida ou ameaçada por barragens, para lutar por “indenizações justas” e para o “não as barragens” e, na atualidade, destaca-se a luta contra o preço de

energia (FOSCHIERA et al, 2009). São estes movimentos que influenciaram a criação do Acampamento Sebastião Bezerra da Silva, onde famílias vivem em uma sociedade organizada e com recursos mínimos para sobrevivência, aguardando sua terra própria.

Este artigo tem como objetivo relatar a experiência obtida durante as atividades desenvolvidas pelo Projeto Rondon no acampamento do MST na cidade de Porto Nacional/TO. Nesta oportunidade realizaram-se atividades interdisciplinares, abordando questões de saúde e o meio ambiente no âmbito social.

Metodologia

A presente pesquisa utilizou a análise qualitativa no estudo do fenômeno social aqui tratado, de caráter descritivo e exploratório, realizado no Acampamento Sebastião Bezerra da Silva, totalizando 200 famílias envolvidas. A equipe de rondonistas era composta de oito acadêmicos da Universidade do Vale do Itajaí, dois professores da mesma Instituição de Ensino e um acadêmico do curso de Agronomia do Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Bambuí.

Foram levantados dados e realizada a revisão teórico-conceitual para a produção do presente trabalho. Para análise dos dados coletados foi utilizada a metodologia etnográfica, onde os pesquisadores elaboram uma descrição sobre os fazeres do grupo de pessoas pesquisado e o significado dessas ações para eles, considerando o contexto em que vivem indo além do estabelecimento de relações e de mapeamento do campo, dando significado aos fatos constatados (RODRIGUES, 2008).

Esta metodologia foi elencada por ser uma oportunidade de conhecimento sobre a ciência real e preocupa-se em compreender os dados coletados dentro do contexto onde o sujeito pesquisado está inserido, considerando este sujeito em sua subjetividade, desconsiderando e não utilizando como base as representações sociais existentes sobre o grupo pesquisado (CARIA, 2005).

Para coleta de dados na pesquisa foram respeitados os princípios éticos, em que os participantes se envolveram nas atividades de forma voluntária; foi garantida aos participantes preservação do sigilo e anonimato. Por se tratar de relato de experiências de atividades desenvolvidas, os participantes não foram expostos a riscos adicionais pela participação.

Utilizaram-se os requisitos fundamentais estabelecidos pelo Projeto Rondon, dentre os quais se faz necessário o reconhecimento da área, a criação de um plano de atuação das ações.

A formação de uma sociedade às margens da rodovia

Barracos de lona preta, bandeiras vermelhas hasteadas, crianças e fumaça dos fogões a lenha: estes são símbolos que identificam o espaço que 200 (duzentas) famílias do MST e MAB ocuparam no dia 21 de abril de 2011. O acampamento está localizado dentro da fazenda Dom Augusto, de propriedade de Alcides Rebeschini, sendo esta, conforme denúncias, improdutiva e possuidora de apenas 1200 dos 3000 mil hectares de terra com documentação legalizada. O proprietário também possui irregularidade com o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) por prática de trabalho escravo quando, em 2005, 100

trabalhadores foram encontrados na propriedade (GONÇALVES, 2012).

O Acampamento Sebastião Bezerra⁸ é formado por cerca de 200 famílias. O perfil atraído para esse tipo de acampamento é formado por diversos segmentos da sociedade, ligados a radicalidade na ocupação da terra e multiplicidade de dimensões em que o movimento atua, levando-o a desenvolver uma série de outras lutas sociais combinadas, que envolvem questões relacionadas à produção, educação, saúde, cultura, direitos humanos (CALDART, 2001).

O acampamento na orla do Córrego Xupé remete as primeiras ocupações humanas que se instalavam próximas a água, em busca de terrenos férteis e facilidade para atividades da população. Próximo à fonte de recurso natural e da facilidade de ligação com o entorno, pela rodovia TO-050, os acampados estão em área com estrutura mínima. O cenário do acampamento às margens da rodovia simultaneamente é encarado como espaço de passagem e tempo de espera, em uma situação provisória perceptível no arranjo espacial.

Paralelos a um eixo central são construídos barracos com galhos e troncos retirados da vegetação nativa, com estrutura enterrada no solo e presa entre si, cobertos com lona preta e papelão, sem resistência a intempéries, tornando visual a ideia do improvisado e do provisório. Esta imagem é necessária quando o objetivo é conseguir terras em um assentamento onde as moradias definitivas serão construídas, ou seja, a não permanência nesta situação de imprevisibilidade.

Havendo permanência por mais de um ano no local, acontece o aprimoramento dos barracos, com divisões internas separando os dormitórios e cozinha. Porém, o isolamento térmico permanece precário, com apenas uma abertura evitando a entrada do vento, havendo cobertura com folhas de palmeira e papelão colocado internamente para absorver a transpiração da lona durante o orvalho da noite.

As transições das relações entre o público e privado constituem laços que remetem às suas casas de origem. A importância de ter seu espaço entre a comunidade permite a integridade do indivíduo, já que a privacidade se dá dentro de seus barracos, que se conectam com o espaço externo quase sempre com um fogão a lenha ou um poço.

Ultrapassar os limites simbólicos de outros acampados se torna comum, devido à proximidade existente entre seus barracos, que se distanciam de um a dez metros uns dos outros. O espaço é bastante conflituoso, por apresentar relações complexas, com diversidades de reestruturação da vida para o acampamento. Também divergem os perfis: existem acampados que se mudam completamente com a família, levando móveis e utensílios para os barracos de lona; em outros há apenas um membro da família, passando a semana trabalhando em outro local e apenas permanecendo durante o final de semana no acampamento.

Para a organização desta comunidade existe um núcleo de pessoas, bem como uma estrutura física. Com a mesma estrutura dos barracos, no meio ficam outros dois maiores, sendo um deles destinado à escola itinerante do MST e outro para reuniões e assembleias. Neste espaço são colocadas músicas do movimento através de energia de gerador (movido à gasolina), atraindo todos para o local, seja por uso do microfone ou visita aos barracos.

Numa tentativa de buscar a coesão do grupo, surge intencionalmente o objetivo de instigar a ideia de participação, luta e conquista, retratando nas músicas, situações

8 Nomeado em homenagem ao militante Sebastião Bezerra da Silva, coordenador do Centro de Direitos Humanos de Cristalândia (TO) e secretário do Regional Centro-Oeste do Movimento Nacional de Direitos Humanos, foi assassinado em fevereiro de 2011.

cotidianas dos trabalhadores rurais que, ao mesmo tempo, se tornam uma forma de expressar suas opiniões (SOUZA, 1999). Remete, ainda, à questão cultural, esta que, segundo Rosa e Pires (2009), é uma forma de dar significado palpável às reivindicações propostas pelo movimento, pois contempla manifestações históricas evidenciando as causas pelas quais se está lutando.

Neste mesmo local é fixada a tarefa da equipe de guarda, com a lista de encarregados em vigiar o acampamento, sujeito ao vandalismo por estar às margens da rodovia e outros atos de violência já ocorridos em acampamentos do MST ao redor do Brasil. Esta organização social é característica do Movimento, de certa forma, normas e regras (definidas coletivamente) passam a fazer parte do cotidiano dos acampados e as pessoas habitam-se a tal condição (SOUZA, 1999). No centro do acampamento fica a barraca do coordenador, a qual se configura semelhante às demais em termos estruturais e acomodações.

Interação da universidade com a comunidade

O primeiro contato entre a universidade e o acampamento aconteceu no mês de maio de 2012, durante uma viagem precursora realizada por um professor da Universidade do Vale do Itajaí, que visitou o local objetivando firmar parcerias e planejar ações a serem realizadas. Segundo o professor, o contato foi realizado com dois acampados que se autodenominaram líderes da comunidade. Percebeu-se inicialmente, certa resistência da parte destes, porém com uma aproximação mais constante do professor, que buscou estabelecer uma relação amigável, logo ocorreu a aceitação da atuação da universidade pelos “líderes”.

Esse período de reconhecimento do espaço pode ser entendido como uma fase exploratória, em que é realizado um diagnóstico da realidade do campo de pesquisa, fazendo-se um levantamento da situação e das dificuldades existentes no local. Dessa forma, os pesquisadores e participantes estabelecem os objetivos da intervenção, interligando os problemas, campo de observação, atores e tipo de ação que se pretende focar (GRITTEM; MEIER; ZAGONEL, 2008). Tal metodologia é apresentada por Seixas (2005), como pesquisa-ação participativa, pois os atores envolvidos (*stakeholders*) participam e colaboram com os pesquisadores nos processos de tomada de decisão.

Tendo em vista o cunho exploratório desta pesquisa e sua abordagem qualitativa, devido ao fato da própria especificidade deste trabalho, considerou-se a condição de relação entre pesquisador e pesquisado, mantendo uma postura de observador crítico do movimento do grupo enquanto participante ativo deste, objetivando a contribuição da problemática ali existente, bem como a clarificação da prática vivida pelo grupo.

As necessidades identificadas na viagem precursora a serem trabalhadas na comunidade envolvem questões relacionadas ao saneamento, cuidados com a terra e esclarecimentos quanto às doenças frequentes no Tocantins. Na data de realização do projeto, em julho de 2012, a equipe de rondonistas buscou um novo contato com os acampados, em uma visita de reconhecimento do local. Neste momento, os extensionistas foram informados que os então autodenominados “líderes”, na época da viagem precursora, não estavam mais no acampamento. Devido a isto, os rondonistas foram direcionados até a barraca dos “representantes da comunidade”. Este fato gerou a necessidade de formar um novo vínculo com as atuais lideranças.

Após estabelecimento deste novo contato, foi esclarecido aos acadêmicos, de forma cautelosa, que no período da viagem precursora houve um conflito organizacional no acampamento, que gerou uma divisão no grupo. Segundo a informação, este conflito deu-se em função de divergentes opiniões, principalmente relacionadas à ideologia do Movimento Sem Terra. Conforme informado, os atuais líderes identificaram que um grupo de acampados buscava pessoas nas localidades próximas oferecendo a oportunidade de ganhar uma porção de terra em dois ou três meses, bastando apenas permanecer no acampamento neste período. Tal situação foi posteriormente confirmada em diálogos abertos entre os acadêmicos e alguns acampados.

O entendimento das lideranças é essencial para análise e compreensão de organizações sociais. Morris e Staggenborg (2004 apud LERBACH, 2012) definem estes líderes como “decisores estratégicos que inspiram e organizam os demais para participarem nos movimentos sociais”. São os líderes quem desempenham as funções críticas, como motivação, resolução de conflitos, definição de estratégias de ação, tomadas de decisões, etc. Entretanto, deve-se ter cautela ao estabelecer uma relação de *líderes e liderados*. Essa afirmação tornou-se evidente no diálogo com os “coordenadores” do acampamento, que se recusavam ser chamados de líderes, pois segundo estes: “no Movimento Sem Terra somos todos um, sem distinção”.

Assim, por meio deste novo contato, apresentaram-se novamente as demandas que poderiam ser trabalhadas no local. Nessa conversa, a proposta de trabalhar com o saneamento foi vista como desnecessária e recusada pelos coordenadores, bem como os projetos de desenvolver um sistema de iluminação natural utilizando material reciclado. Desta forma, permaneceu a proposta de trabalhar com orientações a respeito de saúde e saneamento, devido ao grande número de casos de doenças transmitidas por insetos no local. Além disso, foi sugerida a criação de uma composteira e a utilização de seu material fértil para a construção de uma horta comunitária, proposta que foi aceita também pelos membros do acampamento.

Por meio da participação dos membros da comunidade na escolha das demandas que seriam trabalhadas, foi possível realmente desenvolver uma “pesquisa participativa”, que se distancia do modelo tradicional de pesquisa acadêmica, visto que as problemáticas estudadas não têm sua origem em teorias ou na literatura, pois preveem a participação dos sujeitos buscando-se a problemática a ser discutida na prática, na realidade da comunidade (GRITTEM; MEIER; ZAGONEL, 2008).

A pesquisa participativa sugere que as populações locais são capazes e devem conduzir suas análises sobre a dinâmica local, bem como identificar conflitos e possíveis soluções. Essa abordagem possibilita a conscientização das pessoas sobre a problemática local e, ao mesmo tempo, visa aumentar a confiança das mesmas em sua capacidade de modificar a condição atual por meio de suas ações (SEIXAS, 2005).

No momento em que foram definidas as atividades que seriam realizadas no acampamento e as datas previstas para sua execução, observou-se resistência e apreensão por parte dos coordenadores do acampamento, visto que as ideias destes não iam ao encontro com as da antiga liderança. Ao fim das ações, foi perceptível a mudança nestas relações, com a formação de vínculos positivos e demonstrações de afetividade pelos membros da comunidade, sendo principalmente por parte das crianças moradoras do local.

Seixas (2005) destaca a importância de estabelecer uma relação de confiança (rapport) com a população local, que pode ser conquistada por meio de prolongadas visitas

a campo, onde o pesquisador deve ser paciente, observador e bastante comunicativo. Os autores destacam, ainda, a importância de valorizar o conhecimento técnico local, o que foi fortemente priorizado pelos rondonistas.

Esse contato próximo com os sujeitos que compõem a comunidade é de extrema importância para os acadêmicos, visto que o perfil dos profissionais formados pelas universidades não tem sido adequado para a realização de um trabalho voltando-se para a perspectiva da saúde como produto social e para um cuidado integral e equânime. Essa desarticulação entre ensino e prática é consequência de uma formação que não considera, e muitas vezes não conhece, as necessidades de saúde e saneamento da população, tendo como prática um enfoque eminentemente técnico, especializado e fragmentado (GIL et al, 2008).

Dessa forma, a proximidade com as pessoas no acampamento propiciou aos acadêmicos um avanço para um delineamento dos possíveis cenários sociais, os quais devem ser conhecidos pelos estudantes que, futuramente poderão inserir-se nesses contextos, permitindo a identificação das diferentes necessidades de saúde da população e ampliando o foco da formação profissional. Por meio do contato com a população e sua condição de vida, foi possível vivenciar um distanciamento da visão tradicional de saúde como ausência de doença, partindo para uma visão que a considerou o estado de saúde como um resultado dessas condições de vida da sociedade, da cultura e da realidade das famílias e dos indivíduos, ou seja, como um produto social (GIL et al, 2008).

A saúde vinculada com as condições de vida está relacionada com o ambiente em que esta comunidade está inserida, o qual, porém depende das situações sociais econômicas e ambientais da comunidade. Pinheiro & Elali (1998 apud ELALI, 2003) cita que a relação do ser humano com o local onde o mesmo está inserido deve tanto as características biológicas da espécie humana, quanto à vivência do indivíduo e do grupo no qual este se insere.

Precárias condições de saúde

Os problemas encontrados no acampamento do MST são similares aos da população de baixa renda, como o racionamento de alimentos, água, estrutura, transporte, educação e socialização. Esta situação gera diversas dificuldades relacionadas às questões de saúde, sendo que as mesmas ainda são pouco estudadas pelo meio acadêmico (ESTEVEES, 2002; FERREIRA, 1997; GAIA, 2005).

Para atender as necessidades da população do acampamento, no ano de 2000, o MST criou o curso Técnico de Saúde Comunitária (TSC) com o apoio de profissionais da Universidade Federal de Santa Catarina e da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, sendo este legalizado e reconhecido pelo Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul no ano seguinte. O curso ocorre na Escola Técnica Josué de Castro, em Veranópolis (RS), e é mantido pelo Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária – ITERRA (MST, 2012). O resultado é a formação de técnicos que trabalhem na promoção e prevenção em saúde em áreas de acampamento e assentamento.

Existe também um agente comunitário de saúde responsável por visitas mensais às famílias e o apoio da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública – SUCAM – com a finalidade de controlar e/ou erradicar as grandes endemias no Brasil, a partir de quatro programas de controle de doenças: chagas, malária, esquistossomose e febre

amarela, bem como cinco campanhas contra filariose, tracoma, peste, bócio endêmico e as leishmanioses; há ainda um veículo de uso exclusivo do setor de saúde para atender casos emergenciais. Porém, a demanda ainda é maior do que o suporte oferecido.

Os atendimentos em comunidades possuem um meio paralelo ao fornecido pelos agentes de saúde, com a transmissão do conhecimento de plantas medicinais, que na área ocorre tanto verticalmente (entre gerações) quanto horizontalmente (entre os sujeitos de uma mesma geração). A necessidade de assegurar boa saúde faz com que os Sem Terra busquem formas diversas para atingir este objetivo e uma das principais é a utilização de plantas medicinais cultivadas por eles mesmos. (ESTEVES 2002; FERREIRA 1997; GAIA 2005).

A saúde revela sua dimensão eco-bio-psico-social, resultado das formas de organização da produção do espaço constituído. A vida em comunidade com relações interpessoais extremas e a baixa qualidade de vida gera esse retrato.

A existência de saúde, que é física e mental está ligada a uma série de condições irreduzíveis umas às outras [...]. É produzida dentro de sociedades que, além da produção, possuem formas de organização da vida cotidiana, da sociabilidade, da afetividade, da sensualidade, da subjetividade, da cultura e do lazer, das relações com o meio ambiente. Uma concepção ampliada da saúde passaria então por pensar a recriação da vida sobre novas bases. (VAITSMAN, 1992).

O sistema perde força com a inexistência do saneamento básico, agravando os riscos de proliferação de doenças. Isto ocorre, pois a água retirada de poços (perfurados por eles mesmos, de forma artesanal) é armazenada em alguns baldes que ficam descobertos na frente dos barracos, sendo depois consumida diretamente, sem nenhum tratamento. As necessidades fisiológicas são feitas em pequenos cercados de lona com uma abertura no chão: uma condição de fossa. Há alguns mais afastados dos barracos e outros mais próximos servindo de mictórios; assim se repete a estrutura para o banho, quando estes não são tomados no córrego. Estas estruturas são localizadas a uma distância reduzida do córrego, agravam a possibilidade de contaminação da água.

O Córrego Xupé tem seu represamento feito através de algumas pedras amontoadas, servindo para lavagem de roupas e banhos, necessidades fisiológicas e preparo de alimentos. As condições precárias de sobrevivência acarretam em problemas de saúde, mas a negação de uma intervenção na estrutura de saneamento é interpretada como uma maneira de concretizar e afirmar a situação atual em que vivem como temporária, esperando estarem em suas casas num futuro próximo.

Dentre as doenças mais prevalentes, encontram-se a dengue e a leishmaniose. Tal fato justifica-se pela existência de locais propícios à formação de criadouros e pela presença de cães infectados, os quais facilitam a transmissão da leishmaniose.

Outra mazela é o flagelo da fome. Em estudo realizado por Esteves & Pinheiro (2000) em quatro acampamentos no Estado do Rio de Janeiro observou-se que as famílias acampadas recebem, através do Programa de Distribuição Emergencial de Alimentos (PRODEA), o benefício da cesta básica fornecida pelo Governo Federal. No entanto, o estudo demonstra que esta cesta supre apenas 30,7% das necessidades energéticas mensais de uma família-padrão do meio rural (quatro pessoas: dois adultos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino e duas crianças, ambas do sexo masculino).

Algumas crianças são visivelmente desnutridas, os adultos em geral apresentam corpos magros, sem obesidade. Sem ter um acesso padrão de consumo alimentar adequado, esses sujeitos não possuem uma situação nutricional que garanta condições de um bom padrão de qualidade de vida. As condições precárias de sobrevivência são diariamente enfrentadas pelos acampados que, enquanto lutam por suas terras, lutam também contra a fome e as doenças.

Horta e composteira num sentido de comunidade

O cultivo demonstra a relação com a terra por meio de plantação de hortas, plantas medicinais e criação de animais como cabras e galinhas. Na conversa inicial com os líderes do acampamento, quando abordada a questão da elaboração de composteira e horta, observou-se grande entusiasmo dos acampados. Entretanto, salienta-se que, mesmo entre os interessados, o conhecimento sobre técnicas simplificadas de manejo da terra era escasso, alguns até relataram que nunca haviam trabalhado com a terra. Em contrapartida, percebeu-se que os acampados buscavam autonomia, pois necessitavam comprar os alimentos no centro da cidade, que era distante do acampamento. Essa dependência de “input”, ou seja, de uma entrada de alimentos, ferramentas e até mesmo de tecnologias externas, é muitas vezes uma barreira à construção de uma agricultura mais sustentável, pois torna as organizações submissas a questões exteriores (FREITAS; STARR; MORAIS, 2010).

Segundo Pretty (1995 apud FREITAS; STARR; MORAIS, 2010), a agricultura sustentável depende não apenas da motivação individual, mas da ação do grupo como um todo. Para o autor, o tema é complexo e não pode ser imposto, visto que sua busca torna-se um processo de aprendizagem para a comunidade. A criação da composteira teve como um dos objetivos reciclar os resíduos sólidos orgânicos gerados no acampamento, transformando-o em um húmus. Esse processo ocorre por meio da decomposição microbiana que é catalisada quando propiciado condições adequadas para os microrganismos (temperatura, umidade, aeração, pH, tipo de compostos orgânicos existentes e tipos de nutrientes disponíveis em valores ideais), pois estes utilizam a matéria orgânica como fonte de alimento. Esta decomposição pode variar de poucos dias a várias semanas, dependendo do ambiente (OLIVEIRA, 2004).

Outro benefício que pode ser obtido com a criação da composteira é o trabalho de conscientização ambiental da comunidade, visto que a reciclagem de nutrientes diminui o número de resíduos orgânicos gerados que, quando dispostos de maneira inadequada, podem provocar graves problemas, seja no ambiental, social ou econômico. Segundo Serafim e Gusakov (2004 apud SANTOS, 2007), a disposição inadequada destes resíduos pode atrair vetores causadores de doenças, além de ocasionar a poluição de águas superficiais e subsuperficiais pelos líquidos percolados (chorume) oriundo da decomposição deste resíduo.

No caso dos resíduos sólidos domiciliares produzidos pelos acampados, segundo informado por eles, o destino final é dado pela prefeitura, juntamente com os outros resíduos do município que são depositados no lixão municipal de Porto Nacional (TO). Com a prática da compostagem, diminui-se o volume de resíduos orgânicos encaminhadas ao lixão, poupando espaço ocupado por estes e diminuindo assim o passivo ambiental que será gerado.

Para orientar os acampados sobre o uso e manutenção da composteira, bem como orientação sobre possíveis problemas e medidas a serem adotadas para solucioná-los, a abordagem utilizada pelos rondonistas foi uma conversa informal com os acampados durante a construção da composteira. Assim, pode-se aliar o conhecimento técnico, com as vivências dos acampados (conhecimento empírico).

A composteira e a horta foram realizadas com o mesmo grupo de acampados, participando cerca de 25 pessoas adultas. As duas atividades duraram uma manhã, enquanto outra parte do grupo de rondonistas realizavam atividades recreativas e brincadeiras com as crianças. As atividades educativas também tiveram como objetivo a reutilização de resíduos sólidos, sendo que para esta foram construídos pelos rondonistas brinquedos com resíduos recicláveis.

Sabe-se que a criação de uma composteira vinculada com o plantio de uma horta é uma excelente técnica de educação ambiental, em que esta relação entre o meio ambiente e as crianças garantem a elas oportunidades de espaços variados, proporcionando condições de desenvolvimento e conscientização do seu papel como ser humano e sua relação com o seu entorno. Esses resultados provêm da riqueza experiencial que as mesmas são inseridas (ELALI, 2003), fato este não abordado nesta experiência multidisciplinar. Salienta-se aqui a importância da utilização de ferramentas de Educação Ambiental na formação infantil, principalmente por se tratar de uma organização com condições precárias de educação e desenvolvimento humano.

Para a construção da composteira, primeiramente com o auxílio de ferramentas encontradas no próprio acampamento, o grupo cavou um buraco de aproximadamente 1 metro de profundidade, 1 metro de largura e 2 metros de comprimento. Salienta-se aqui, que a composteira deve ser dimensionada de acordo com o volume de resíduos orgânicos gerados. Entretanto, o objetivo dos rondonistas era a demonstração da técnica, para posterior reprodução dos acampados.

Para a impermeabilização do solo, a fim de evitar o contato do líquido gerado (chorume) com o lençol freático, utilizou-se lona (material muito utilizado no acampamento Sebastião Bezerra). Em seguida, foram depositados os resíduos orgânicos trazidos pelos rondonistas, juntamente com as folhas secas encontradas no local, havendo um equilíbrio dos materiais inseridos na mesma.

Ao término da construção da composteira, mostrou-se o seu funcionamento e a importância da manutenção da mesma para obtenção de bons resultados. Os rondonistas também disponibilizam uma cartilha com orientações sobre a manutenção da composteira, feita por eles mesmos, para posterior consulta dos acampados, caso houver necessidade. Com esta prática foi possível apresentar o emprego de técnicas alternativas simples para a reciclagem dos resíduos gerados e utilização do composto.

Durante a construção da composteira, observando a situação em que o grupo estava inserido juntamente com a expressão em seus rostos e o diálogo entre eles, foi possível perceber que os acampados presentes estavam felizes em poder realizar o manejo da terra. Ressalta-se também o espírito de equipe e coletividade dos membros do MST, pois todos estavam prontos a ajudar na construção das obras. A disposição em adquirir conhecimento também chamou a atenção dos acadêmicos, pois simboliza a determinação na luta por uma vida melhor (SILVA, 2009; MST, 2012).

Para demonstrar o ciclo que ocorre com a reciclagem dos resíduos orgânicos, bem como exercitar a prática de manuseio da terra, fez-se a construção da horta. Esta

foi realizada em um local próximo a composteira para facilitar a manutenção de ambas. Utilizou-se a estrutura de um barraco já existente, bem como outros materiais encontrados no acampamento, como folhas secas de palmeira, sustentadas por ripas de madeira. Transformando em um local protegido contra os fortes raios solares.

Para preparação da terra os acampados, juntamente com a equipe de rondonistas realizaram o revolvimento do solo, descompactando-o e tornando-o poroso. Após o manejo do solo, construíram-se os canteiros para o plantio; as mudas e sementes plantadas para construção da horta foram doadas ao acampamento pela equipe de rondonistas, as quais foram escolhidas de acordo com a disponibilidade de verduras e legumes na região. Após montada a estrutura da horta, realizou-se uma breve conversa, nesta foram elencados a importância do manejo da horta para o crescimento das plantas, ensinando técnicas para o cuidado com a terra e apresentando como realizar a colocação do húmus oriundo da composteira.

Durante essas atividades foi possível verificar o engajamento dos acampados, visto que os mesmos estavam interessados em aprender, participando todos os momentos das atividades. Ao término, verificou-se os benefícios que ambas as alternativas proporcionam para uma vida sustentável e que tais atividades atuaram como passo inicial para que muitos dos participantes ampliem seu interesse pelo manejo da terra. Além disto, verificou-se que o clima e a composição do solo da região não favorecem o desenvolvimento das plantas. Por conta disto, percebeu-se que o manejo deve ser realizado com atenção e de forma frequente. Ainda, diante desta percepção, demonstrou-se mais uma vez aos acampados, a importância de manter a composteira em funcionamento, visto que, para as condições locais limitadas, o húmus é uma ferramenta indispensável para um bom desenvolvimento das plantas.

A implementação de ambas as ideias propostas foi realizada a partir de trabalho coletivo. Como define Silva (2009), este é fruto do desenvolvimento de laços afetivos e comunitários entre os membros do acampamento. Para o mesmo autor, estas práticas quando construídas coletivamente, representam o anseio de transformação do modo de vida tradicional e o despertar da consciência para obter um equilíbrio com a natureza e com a própria espécie.

Ainda, o papel da horta para os moradores do Acampamento Sebastião Bezerra implica na inserção dos mesmos no manejo da terra e cuidado com as plantas, levando estas práticas para sua terra própria. A proposição da horta entra de forma complementar, pois é uma fonte visível de benefícios, assim, atua como estímulo para utilização da composteira. Além de suprir as necessidades alimentícias, esta ação coletiva torna os acampados menos dependentes na busca por alimento externo, contribuindo ainda para formação de vínculos de solidariedade entre os mesmos (SILVA, 2009).

A horta é uma forma de cultivo agroecológico auxiliando os acampados no sustento familiar futuro. O movimento dos sem terras propõe essa forma de cultivo, pois este é um caminho alternativo para a agricultura convencional, modificando o uso do solo e buscando o desenvolvimento rural sustentável, sendo estas alternativas para a Reforma Agrária (SCHLACHTA, 2008; INCRA, 2012). A agroecologia traz um enfoque transdisciplinar que vislumbra a atividade agrária desde uma perspectiva ecológica. Utilizando os conceitos de várias ciências, estuda a atividade agrária buscando retratar o vínculo essencial que existe entre o solo, a planta, o animal e o ser humano (GUTERRES, 2006).

A ideia de utilizar conceitos agroecológicos no acampamento do MST remete a três motivos principais: o intuito de realçar as questões de coletividade; a soberania alimentar e uso sustentável dos recursos naturais; e a luta contra o agronegócio e suas monoculturas (BORSATTO, 2011).

Considerações Finais

As ações com participação ativa dos membros da equipe, tanto docentes, quanto dos discentes, permitiram a transferência de conhecimento por meio da vivência prática. O poder de contribuição à cidadania em uma realidade distante, na qual se vive a transitoriedade do tempo e do espaço, em um local com um modelo distinto de comunidade, onde se vive em espaços compartilhados, sem infraestrutura; em uma organização onde uns tratam os outros como companheiros, em que não é possível fazer uma análise homogênea devido às diferenças de história de vida e reinvenção a partir da chegada ao acampamento. Uma população com ideais, que quando confrontados com a realidade, ultrapassam a luta por terras. Os acampados buscam uma vida independente e sustentável em uma sociedade mais justa e fraterna.

Com as atividades elaboradas no acampamento do MST foi possível ter uma ideia de como é a vivência em um acampamento, principalmente pelas precárias condições de vida. Estas condições são retratadas na vida dos acampados, principalmente no comportamento coletivo. Pôde-se verificar a resistência a laços afetivos entre os acampados, principalmente com as crianças, sendo que estas se mostram carentes de atenção. Esta resistência dos grupos sociais organizados é visível quando se trata de mudança nas atitudes e comportamentos pessoais.

Com esta experiência, pode-se afirmar a importância das atividades de extensão para a formação de estudantes acadêmicos em profissionais preocupados com as questões sociais, além de ser uma experiência de convivência em grupo e de conhecimento das dificuldades e situações encontradas na vida profissional, fato este não vivenciado na academia. Cabe ressaltar ainda a importância de equipes multidisciplinares, visto o domínio que esta dispõe, proporcionando um conhecimento melhor estruturado para a população alvo.



REFERENCIAS

BORSATTO, R. S. **A agroecologia e sua apropriação pelo movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST) e assentados da reforma agrária**. 2011. 298f. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola) - Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

CALDART, R. S. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo**. Estudos Avançados, São Paulo, v.15, n.43, p. 207 - 224, set. 2001.

CARIA, T. H. A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteiras. In: CARIA, T. H. **Experiência etnográfica em Ciências Sociais**. Porto: Edições Afrontamento, 2005. p. 9-20.

ELALI, G. A. O ambiente da escola – o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil. Estudos de Psicologia, Natal, RN, v.8(2), n.1, p. 309-319, fev. 2003.

ESTEVES, T. V.; PINHEIRO, A. B. 2000. **Cestas de alimento e renda: uma realidade dos acampamentos do Movimento Sem Terra**. Rio de Janeiro. Cadernos NEPEN, n. 9, p. 33-9, 2000.

ESTEVES, T. V. **Organização social e estratégias de sobrevivência em acampamento do Movimento Sem Terra (MST)**, no estado do Rio de Janeiro. 2002. 115f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Curso de Pós-graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

FERREIRA, H. S. *et al.* **Estado nutricional de crianças menores de dez anos residentes em invasão do "Movimento dos Sem-Terra"**, Porto Calvo, Alagoas. Cadernos de Saúde Pública, v.13, n.1, p. 137-139, 1997.

FOSCHIERA, A. A.; BATISTA, L. S.; JUNIOR, A. T. Organização e Atuação do Movimento dos Atingidos por Barragens: O caso do MAB/TO. **Revista Pegada**, Presidente Prudente, v. 10, n. 1, p.134 - 146, jun. 2009.

FREITAS, H. A.; STARR, C. R.; MORAIS, L. F. Agricultores Assentados da Reforma Agrária no Distrito Federal e Entorno: Uma Experiência Agroecológica em Construção. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 8., 2010, Porto de Galinhas. **Paper**. Porto de Galinhas: ALASRU, 2010. p. 1-16.

GAIA, M. C. M. **Saúde como Prática da Liberdade: as Práticas de Famílias em um Acampamento do MST e o Desenvolvimento de Estratégias de Educação Popular em Saúde**. 2005. 179f. Dissertação (Mestrado em Ciências na Área de Concentração Saúde Coletiva) - Curso de Pós-graduação em Ciências da Saúde do Centro de Pesquisas René Rachou, Escola Nacional de Saúde Pública Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

GIL, C. R. R. *et al.* Interação ensino, serviços e comunidade: desafios e perspectivas de uma experiência de ensino-aprendizagem na atenção básica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, p.230 - 239, 2008.

GONÇALVES, L. **Movimentos fazem atos contra reintegração de posse em Tocantins**. Disponível em: < <http://www.mst.org.br/Movimentos-farao-atos-contra-reintegracao-de-posse-no-acampamento-Sebastiao-Bezerra>>. Acesso em: 02 out. 2012.

GRITTEM, L.; MEIER, M. J.; ZAGONEL, I. P. S. Pesquisa-ação: uma alternativa metodológica para pesquisa em enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p.765 - 770, out. 2008.

GUTERRES, I. **Agroecologia militante: Contribuições de Enio Guterr**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006. 184 p.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

INCRA, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Reforma Agrária**. 02 de Dezembro de 2011. Disponível em: < <http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/questao-agraria/reforma-agraria>>. Acesso em: 8 nov 2012.

LEMONS, J. J. S. **Mapa da Exclusão Social no Brasil: Radiografia de um país assimetricamente pobre**. Disponível em: < <http://www.lemos.pro.br/admin/livros/124110130449f9b3f878008.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

LERBACH, B. C. Liderança e movimentos sociais: Apontamentos sobre a importância da ação do líder. **Simbiótica**, Vitória, v. 1, p.136-156, jul. 2012.

MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Página de internet desenvolvida pelo MST. Apresenta histórico e dados gerais sobre o movimento. Disponível em: <<http://www.mst.org.br>>. Acesso em: 8 nov. 2012.

OLIVEIRA, F. N. S.; LIMA, H. J. M.; CAJAZEIRA J. P. **Uso da compostagem em sistemas agrícolas orgânicos**. - Fortaleza: Embrapa Agroindústria Tropical, 2004. 17 p.

RODRIGUES, L. C. **Abordagem etnográfica**: Possibilidades e desafios na pesquisa de mercado. 2008. 32f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização) - Curso de Pesquisa de Mercado em Comunicações, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ROSA, V. R.; PIRES, A. J. A dimensão cultural no movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST). In: SEMANA DE INTEGRAÇÃO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 1., 2009, Santa Cruz. **Anais**. Santa Cruz: UNICENTRO, 2009.

SANTOS, H. M. N. **Educação Ambiental por meio da compostagem de resíduos sólidos orgânicos em escolas públicas de Araguari - MG**. 2007. 49f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Faculdade de Engenharia Civil da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

SARAIVA, J. L. Papel da extensão universitária na formação de estudantes e professores. **Brasília Med.** v. 44, n. 3, p. 220 - 225, 2007.

SCHLACHTA, M. H. **O MST e a questão Ambiental**: uma cultura política em movimento. 2008. 177f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2008.

SEIXAS, C. S. Abordagens e técnicas de pesquisa participativa em gestão de recursos naturais. In: VIEIRA, P. F.; BERKES, F.; SEIXAS, C. S. **Gestão integrada e participativa de recursos naturais: conceitos, métodos e experiências**. Florianópolis: Secco, APED, 2005. p. 73-105.

SILVA, P. G. A construção da consciência político-ambiental no MST. Experiência do acampamento *Terra Livre*, em Resende, Rio de Janeiro: 1999-2008. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 25., 2009, Fortaleza. **Anais**. Fortaleza: ANPUH, 2009. 1-10.

SOUZA, M. A. **As formas organizacionais de produção de assentamentos rurais do movimento dos trabalhadores sem-terra – MST**. 1999. 259f. Tese (Doutora em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SOUZA, M. J. **Uma educação do campo**: o ensino fundamental em um assentamento na região do Rio Doce (MG). 2000. 37f. Monografia (Especialização) - Departamento de Educação, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2000.

VAITSMAN J. Saúde, Cultura e Necessidades. In: FLEURY, S. (Org.). **Saúde Coletiva? Questionando a Onipotência do Social**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 1992. p. 157-173.

Artigo recebido em:
15/02/2013

Aceito para publicação
em: 17/04/2013

